

MISSÕES JESUÍTICAS COLONIAIS: um estudo dos planos urbanos

Ione Aparecida Martins Castilho Pereira - Mestranda em História pela PUC – RS
Arno Alvarez Kern – Doutor em História - PUC - RS

RESUMO: O objetivo deste trabalho está centrado no estudo sobre os planos urbanos das reduções Guarani, Chiquitos e Mojos, apontando semelhanças e diferenças, bem como o contexto em que se configuraram. Para tal, tomaremos por base os resultados das pesquisas realizadas nas missões Guarani sobre urbanidade, espaço e arqueologia, justamente por serem estudos mais diversificados em relação à temática das missões. Como ponto de partida, utilizaremos as plantas dos *pueblos* de São João Batista (no contexto dos sete povos das missões no Rio Grande do Sul), San José de Chiquitos e Concepción de Moxos (ambas em território Boliviano). Relacionaremos estas imagens com produções bibliográficas sobre as reduções jesuíticas bolivianas, conhecidas até o presente momento, tendo em vista que este ainda é um assunto pouco conhecido, principalmente, devido à dispersão das fontes sobre as mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: urbanismo, espacialidade, missões.

ABSTRACT: The objective of this work is centered in the study on the urban plans of the reductions Guarani, Chiquitos and Mojos, having pointed similarities and differences, as well as the context where if they had configured. For such, we will take for base the results of the research carried through in the missions Guarani on urbanity, space and archaeology, exactly for being more diversified studies in relation to the thematic one of the missions. As starting point, we will use the plants of the pueblos of São João Batista (in the context of the seven peoples of the missions in the Rio Grande do Sul), San Jose de Chiquitos and Concepción de Moxos (both in Bolivian territory). Where we will relate these images with bibliographical productions on the bolivian jesuits reductions, known until the present moment, in view of that this still is a subject little known, mainly, due to dispersion of the sources on the same ones

KEYWORDS: urbanism, Spatiality, missions.

O presente estudo tem por finalidade apresentar os planos urbanos das reduções Guarani, Chiquitos, Mojos, tendo como ponto de partida às experiências indígenas antes do

contato e seu posterior estabelecimento em um novo espaço dado pelas reduções. Que nas palavras de Arno Kern (com. pes. 2007) seria *uma experiência que vai do pré-urbano ao urbano*. Neste sentido iremos apontar semelhanças e ou diferenças nas conformações urbanas dos *pueblos* San José de Chiquitos, Concepción de Moxos e São João Batista.

Antes de tratarmos sobre disposição destas reduções, vamos apresentar os espaços ocupados por estas populações indígenas, pois segundo Barcelos (2000), o espaço ocupado pelas reduções jesuíticas só pode ser compreendido a partir das relações que estes grupos estabeleceram com o ambiente ecológico característico de seus assentamentos, o que neste caso, deve ser entendido como algo não estranho à sociedade, mas como parte da mesma e de sua cultura.

Como salienta Kern (2003), os primeiros migrantes a chegar nestas terras de imigrantes, foram os grupos indígenas, que foram pouco a pouco ocupando o imenso território sul-americano e procurando formas mais eficientes de adaptação às paleo-paisagens frias e secas da época glacial. Variando

não apenas no que diz respeito ao relevo, mas igualmente quanto ao clima, à flora e à fauna. Nas alturas geladas dos Andes, nas imensas extensões da floresta equatorial amazônica, ou nas vastas paisagens cobertas de gramíneas dos pampas, estes ambientes distintos exigiam dos grupos indígenas adaptações culturais muito específicas (Kern; 2002: 01).

Para solucionar problemas com a agricultura, as populações indígenas pré-históricas de Llanos de Mojos (atual Bolívia), desenvolveram técnicas de engenharia hidráulica para o controle da água e da umidade do solo. Buscando desta forma implantar uma agricultura em solos pobres de nutrientes minerais, caracterizados ainda por inundações devastadoras e longas temporadas de seca. Roca (2001) atribui esta engenharia ao isolamento desta zona de Mojos, pois estando aprisionada entre a cordilheira andina e a *hylea* amazônica, obrigava *esa masa poblacional a desarrollar un agricultura intensiva de subsistencia en unos suelos inaptos para tal actividad por ser arcillosos, impermeables, y sin nutrientes orgánicas* (Roca; 2001: 318 e 319).

Para exemplificar como estes indígenas desenvolveram tais atividades em condições tão adversas, Roca nos apresenta uma hipótese formulada por Keneth Lee sobre obras de terra ou *earthworks*,

Los antiguos paititianos, o como se hubieran llamado, conducían a través de canales desde las últimas estribaciones de las serranías, agua con una cantidad de elementos minerales nutritivos en suspensión, hasta campos de cultivo previamente preparados con altos surcos, y protegidos con muros de contención.

Esa operación se la efectuaba en época seca (...) Cuando ya tenían el agua mineralizada debidamente controlada, hacían crecer rápidamente plantas acuáticas como el tarope y otras especies, para que sus raíces absorbieran el mineral contenido en el agua, y en ese mismo ambiente hacían proliferar peces y caracoles. Cuando calculaban el momento oportuno, abrían las compuertas de madera dejando salir solamente el agua, reteniendo las plantas acuáticas, los peces y los caracoles para mezclarlos con la tierra de los tablones previamente preparados (Roca; 2001: 319).

Com isto conseguiam não só o adubo, mas também evitavam o crescimento de matos e a proliferações de insetos. Estes fossos sejam resultantes de processos geomorfológicos naturais ou deliberadamente criados (como poço ou zonas de empréstimos de terras para a construção da *loma*), estão diretamente ligados às construções que serviam redes de comunicação e transporte entre os assentamentos.

As calçadas ou terraplanes proporcionavam o acesso em épocas chuvosas. Já os canais, o transporte aquático o ano todo. Padre Eder (1985), em sua Breve Descripción de las Reducciones de Mojos, faz menção às calçadas que sobressaíam por cima da água, que mesmo durante as mais severas inundações cabiam duas carretas e quando secavam os campos, seguia havendo suficiente quantidade de água junto às calçadas nos fossos. Com isto conseguiam levar com facilidade suas colheitas e demais coisas necessárias à vida em suas canoas. Em uma crônica mais detalhada, Eder, fala de fortificações feitas pelos Baures para defender dos Guarayús, etnia resistente à evangelização que efetuava incursões guerreiras contra aqueles para tomá-los prisioneiros.

Além destas funções, as obras de terraplanagem, segundo Roosevelt (2002), incluem áreas de cultivo elevadas, com valas, diques, canais, poços, açudes e sambaquis para habitação e enterramento. Para Clark (1996), estas *lomas* eram provavelmente multifuncionais, e que raras às vezes foram usadas somente para uma função. Sendo que o uso dado a elas pudesse variar um tempo depois do ciclo de assentamento residencial, construção, manutenção e abandono.

Ainda segundo o autor, as *lomas* ocorrem em grupos, ao redor de massas de água (tipo velhos meandros) ou em espaços abertos tipo “plaza”. Existindo entre elas uma grande variação em tamanho e morfologia, podendo ser oval ou redonda, irregular e dispare em sua superfície. Ou ainda simples e complexas, onde a primeira é diferenciada e com pouca irregularidade, já a segunda têm um ou dois pontos mais altos, topografia de superfície irregular, uma em cima da outra, dual (que por vezes estão conectadas por calçadas) de múltiplas funções e com um grande potencial para a caça e pesca. Esta última é dotada de um hábitat seco para os animais que escapam de inundações que duram até seis meses. E na época da seca, estes animais vão até as reservas de água próximas.

Clark acredita com base nos vestígios arqueológicos encontrados nas escavações, que a dispersividade dos assentamentos nas savanas ou nas bacias de rios, somadas a diversidade cerâmica durante o período pré-colombiano, respalda a idéia de que havia numerosos grupos étnicos vivendo em aldeias dispersas pela paisagem agrícola, interligados por uma rede de canais e calçadas.

Em Chiquitos, também localizados no Oriente Boliviano, o padrão de assentamento era muito variável, pois de acordo com Salas

los pobladados cuantitativamente pueden tener una serie de chozas de 5 a 30 unidades y formalmente puede ser cuadradas, rectangulares, circulares, ovaladas o irregulares. Internamente, por su espacio y tamaño pueden albergar a grupos de 5 a 50 personas, ya sean separados entre mujeres y hombres, padres y parientes en sentido horizontal, o mediante diferentes niveles de hamacas en sentido vertical. Existen también las Casas Comunales que agrupan familias. Asimismo, en los asentamientos propiamente dichos, surgen, con sus variantes, elementos como la vivienda, el templo, el enterramiento, la aguada y la plaza que representa su núcleo integrador (Salas: 1995b: 407).

Para exemplificar, Salas (1995b) acrescenta ainda que as vivendas dos chanés, em geral, estavam estruturadas sobre uma base circular e integradas à vários casarios, estendendo consideravelmente na floresta sem ordem e nem simetria. Como podemos observar no relato do Padre Juan Patrício a respeito das casas Chiquitanas.

Las casas no son más que cabanas de pajas dentro de los bosques, una junto a otra sin ningún orden ni distribución, y la puerta es tan baja que sólo pueden entrar a gatas, causa porque los españoles les dieron el nombre de chiquitos: y ellos no dan otra razón de tener así las casas sino por librarse del enfado y molestia que les causan las moscas y mosquitos... – también porque sus enemigo no tengan por donde flecharlos de noche (Moreno, 1995a:260)

Em outro trecho do mesmo padre, ele diz que os chiquitos *vivem poucos juntos, como República sin cabeza, en que cada uno es señor de sí mismo, y por cualquier ligero disgusto, se apartan unos de otros. Las casas no son más que unas cabañas de paja dentro de los bosques, una junta a otra, sin algún orden, o distinción (...)* (Roth, 1995b: 516).

Para Salas, as etnias primitivas do Oriente Boliviano, estavam basicamente *conformada por tribus nómandas, seminómandas y sedentarias de agricultores, cazadores, pescadores y recolectores* (Opus. Cit. 1995b: 407).

Cafeli (1989-90) nos chama atenção de que em Chiquitos houvesse dois tipos de casas: uma que seria para a família (uma *cabaña o choza* de palha feita à maneira de forno, de uma planta circular coberta ao modo de cúpula e não muito grande), e uma outra para os

muchachos, (*casas grandes* para receber hóspedes, feitas de ramos de árvores e pareciam ser tão grandes que necessitavam de madeiras grossas para sustentá-la).

A autora diz que se analisarmos tanto a moradia como o artefato de chiquitos (por sua pouca sofisticação e quantidade), poderá ver uma grande capacidade de mobilidade e dispersão destes grupos, que no seu ponto de vista, foram características de bandos. A agricultura praticada pelos Chiquitos, segundo relato de missionários, foi praticada em épocas de chuvas (de outubro a maio). Situando suas plantações em colinas, e depois de realizar a coleta, dedicavam-se à caça na estação da seca, até que começasse uma outra época de sementeira. Para Caleffi a fase de dispersão estava relacionada com épocas chuvosas por conta das plantações nas colinas, já a aglutinação era referente às práticas de caça, o que leva a crer que as famílias fossem nucleares, *madre, padre, hijos*. *De ello concluimos que la regla de residencia era neolocal* (Caleffi, 19889-90:230).

Na época da caça os índios repartiam-se em muitas quadrilhas, deslocando de maneira organizada no bosque, conforme relato do Padre Knogler

En otros casos, cuando quieren organizar una caceria de animales de todas clases, buscan un terreno en el monte o el campo donde se encuentre, en el matorral o bajo el pasto alto, un lugar pantanoso o aguanoso que sirve de bebedero a las tierras. Después de limpiar el terreno adyacente de arbustos y pastos, en un circuito de doce a quince pasos, rodean el lugar con un cerco. Cuando luego incendian el monte que encerraron, todos los animales grandes y pequelos huyen y ellos los acometen a tiros desde el cerco tendido alrededor del bebedero, sin correr peligro de que el fuego los alcance, ya que arrancaron todo lo que puede quemarse (Caleffi, 1989-90:236).

A autora conclui que, de maneira geral, os Chiquitos possuem algumas características de bandos coletores, mas que também possuíam o domínio do cultivo e da produção de alimentos, características segundo Caleffi, de sociedades tribais. Assim à caça e agricultura estavam equilibradas, entre outras formas de produção, para garantir a sobrevivência dos grupos étnicos. Neste sentido elas se complementavam e compensavam-se.

Diferentemente de Chiquitos (Salas 1995b), os Guarani estavam organizados em casas coletivas ou comunais, dispostas de forma heterogênea para dar morada a várias famílias. Eram agricultores itinerantes e sua subsistência era garantida pela caça, pesca e coleta. Já que

o ambiente florestal e das margens fluviais lhes davam condições de realizar em abundância a caça e a coleta. A inexistência de animais domesticados em toda a América Atlântica levou os grupos de horticultores a manterem padrões de subsistência baseados na caça em larga escala, como forma de suprir as suas necessidades de proteínas. Importantes também para completar a dieta alimentar

foi a coleta de vegetais, principalmente as raízes, os frutos e as folhas comestíveis, assim como de mel silvestre. O ambiente deveria também ser capaz de suprir outras necessidades dos grupos (Kern, 1994:110).

Para Kern, as aldeias Guarani estavam instaladas em clareiras em meio à floresta subtropical, próximas a fontes de água e sobre colinas, junto às várzeas férteis dos rios, características de um padrão amazônico de ocupação do espaço. O autor nos diz ainda que, fora em meio a essa floresta que homens abriam clareiras e as mulheres plantavam pequenas roças nos solos ricos em húmus, e quando este recurso começava a rarear, estes indígenas procuravam outros locais para a instalação de suas aldeias.

Suas aldeias estavam compostas por casas ovais (“ocas” ou “oga”), habitadas por diversas famílias (balizadas por troncos de sustentação do telhado no interior das grandes “ocas”) da mesma extensão clânica. Variando em número e distribuídas em torno *de um espaço coletivo de circulação, reunião, danças, bebedeiras sagradas, festins canibais e mesmo desportos (Opus. Cit.,1994:110)*. Próximo das cabanas estava à zona de enterramento, onde seus mortos eram dispostos em posição fetal dentro de grandes funerárias.

A propriedade predominante entre os horticultores Guarani é o *abambaé*, relacionada com as famílias extensas e casas grandes, mas entre eles havia bens individuais, como redes, armas, adornos plumários para ocasiões de festa, pertences que muitas das vezes eram enterrados com seus proprietários em grandes urnas.

O que procuramos evidenciar, foi que a partir dos estudos etnohistóricos agregados a uma revisão de relatos e crônicas do momento do contato, podem, segundo Calandra e Salceda (2004), traçar um panorama discreto a cerca da presença e distribuição dos grupos indígenas. Como a localização, características culturais, bem como aspectos singulares de interesses por parte dos conquistadores de formarem seus assentamentos em Chiquitos, Mojos e Guarani.

Neste sentido, os povoados missioneiros ocupariam uma fronteira viva, de uma permanente oposição de interesses entre a sociedade espanhola local e a frente de expansão luso-brasileira. E *os missionários da Companhia de Jesus destacaram-se como fundadores de povoados, entre os indígenas Guaranis, os Chiquitos e os Moyos (...)* mesclando *características sociais oriundas das tradições ameríndias e européias, numa síntese nova, em contínua transformação (Kern 2003: 34)*.

Ao fazer uma análise mais aprofundada da iconografia de São João Batista, notamos que *este plano urbano nos evidencia uma série de padrões relacionados às*

normas milenares materializadas nas aldeias dos horticultores da floresta tropical e subtropical, e as planificações urbanas inovadoras do Renascimento (Opus. cit., 2006: 172).

Salas (1995c) ressalta que esta nova ordem ou *pax romana* com sua carga colonizadora centenária, aplicou como ato de conquista e soberania ao tomar posseção de um determinado território, um traçado de dois eixos perpendiculares, o *decumanus*, no sentido este-oeste coincidente com caminho percorrido pelo sol, e o *cardus*, no sentido de norte-sul que se presumia girava a Terra.

Para este autor, a estrutura urbana reducional proporia dois eixos de ordenamentos, um eixo longitudinal que surge convencionalmente como uma rua normal e contínua, que tem a capacidade de atravessar o pueblo de extremo a extremo por seu centro médio. E um outro eixo em sentido transversal definitivamente teórico e virtual, que se desenvolve desde o ingresso principal da redução e recorre transversalmente por seu eixo simétrico até unir se com o eixo longitudinal. O que para Salas este reconhecimento tipológico

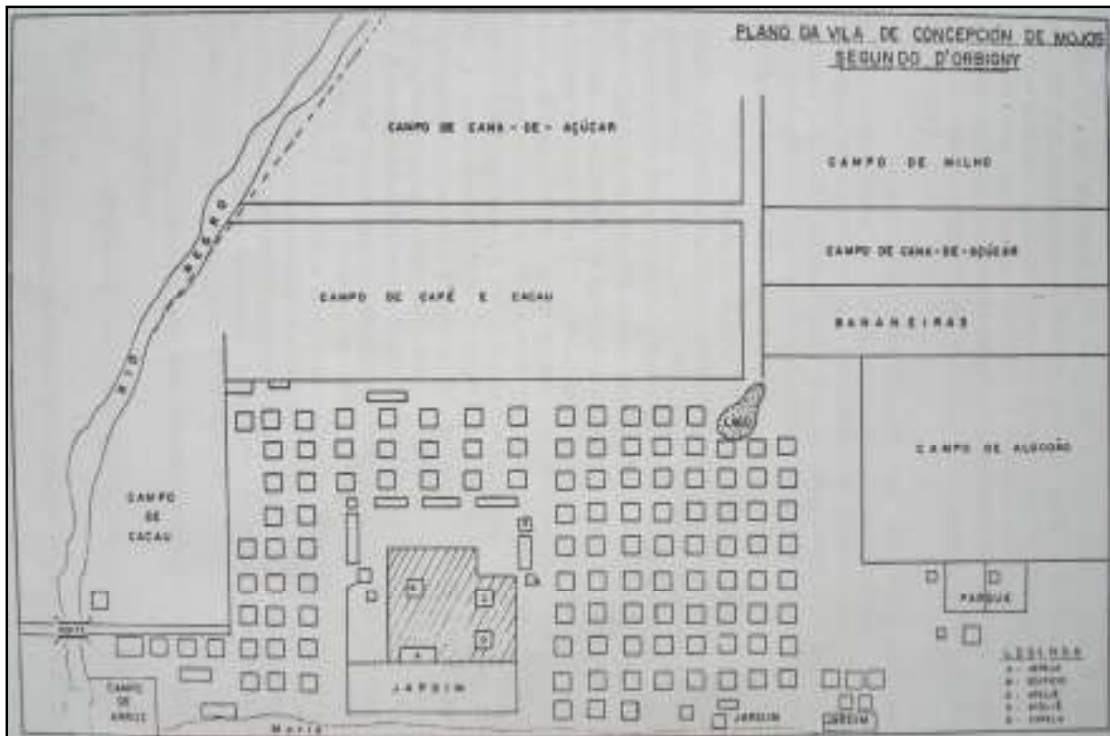
lo diferencia de los modelos urbanos hispano-coloniales conocidos hasta esse momento, porque, además, los ejes no sólo determinan el desarrollo concentrado de las actividades previstas en el programa sacral religioso frente al programa civil, sino que guían y controlan el crecimiento, y la expansión urbanos en tres direcciones sobre referencias físicas y datos concretos (...) se controla el acceso exclusivo, y es este sector donde se localizan los principales lugares de servicios, producción y apoyo de bienes y excedentes, y lo que es definitorio, están ubicados los principales reservorios de agua en lagunas y atajados (Salas, 1995c: 421)

Desta forma os eixos visariam integrar dois sistemas de poder, que para Salas seria o religioso (acima da ordem imposta) e o indígena (como transcurso do sujeito, que projeta um novo assentamento, não da praça central ou de uma trama geométrica previamente estabelecida, mas sim dos eixos duais e concorrentes). Assim estes eixos não só dividiam, mas também uniam duas culturas, dois mundos inter-relacionados por uma direção, havendo entre ambos uma praça com grandes dimensões que serviria como elemento integrador.

A escolha do local para instalação do povoado missioneiro era uma preocupação que perpassava todas as reduções, afinal exigia um profundo conhecimento sobre as diversas paisagens que compunha essas regiões. Esta preocupação se dava em função da necessidade de água para o povoado, pois além de abastecer em períodos de seca, a população concentrada no núcleo urbano da redução deveria contar com um sistema de eliminação de dejetos orgânicos (Barcelos, 2000).

A estrutura sócio-econômica dos *pueblos* chiquitanos eram muito similares a dos guarani, ainda que fossem *pueblos* que conheciam e praticavam a agricultura, ainda tinha um caráter subsidiário com base na coleta. Por outro lado, segundo Parejas (1995b), estes *pueblos* não conheciam a propriedade individual do solo e também não estava muito claro para os chiquitanos o conceito de propriedade coletiva.

Em Mojos (Block, 1997), uma ampla rede de agricultura e de pastagens seria o reflexo físico das mudanças, que segundo o autor, transformariam assentamentos aborígenes dispersos em grandes complexos, dedicados à exportação de recursos *sabaneros* durante o período reducional.



Plano da Vila Concepción de Mojos segundo D'Orbigny. Fonte: Meireles, 1989.

Como podemos observar nesta imagem, os campos cultivados e pastagens se intercalavam em torno do núcleo da redução. As parcelas agrícolas ocupavam as elevações naturais ao longo dos cursos fluviais (Block, 1997). Para exemplificar, que em certa medida se assemelha com o desenho de Alcides D'Orbigny, o autor utiliza-se do relato do viajante Manuel Felix, como podemos observar.

Manuel Felix descreveu campos que se estendiam por consideráveis distâncias desde Magdalena, água acima e abaixo do rio San Miguel; e o testemunho indígena do período imediatamente pós-jesuíticos ampliam o

relato do intruso português. Neófitos de San Pedro afirmaram que mantinham plantações de cacau a dois dias de distância de seu centro de residência no Marmoré. Os índios de Magdalena descreveram uma série de faixas concêntricas que rodeavam suas reduções: a primeira dedicada ao algodão e aos cítricos; a segunda, a cultivos de subsistência, a terceira, ao cacau; e a última, a terrenos de pastagem. (Block, 1997: 97)

Devido às distâncias (Block, 1997), ainda na segunda década do século XVIII, surgia dentro das reduções rivalidades pelo desejo dos índios em pegar produtos em terras que lhes havia pertencido em épocas pré-jesuíticas, ameaçando desta forma, a *pax jesuítica* de trinta anos. Em chiquitos (Salas 1995 a) atividade agrícola somava-se a pecuária através de uma rede de estâncias (localizadas a cerca de cinco a vinte léguas dos povoados), dedicadas a criação e reprodução de animais como o gado e eqüinos.

A maior parte das atividades econômicas das reduções de mojos estava dedicada à agricultura e o pastoreio. O que os missionários introduziram em mojos foi um sistema de produção que separava a agricultura tradicional de base familiar da comunitária. Modelo de trabalho comunal como *nas reduções guaranis – em forma de tumpabaé ou plantação comunitária - formava parte da prática nativa, ao contrario de Mojos que não há provas pré-reduccionais da empresa econômica mista (privada e comunitária) (Block, 1997:149).*

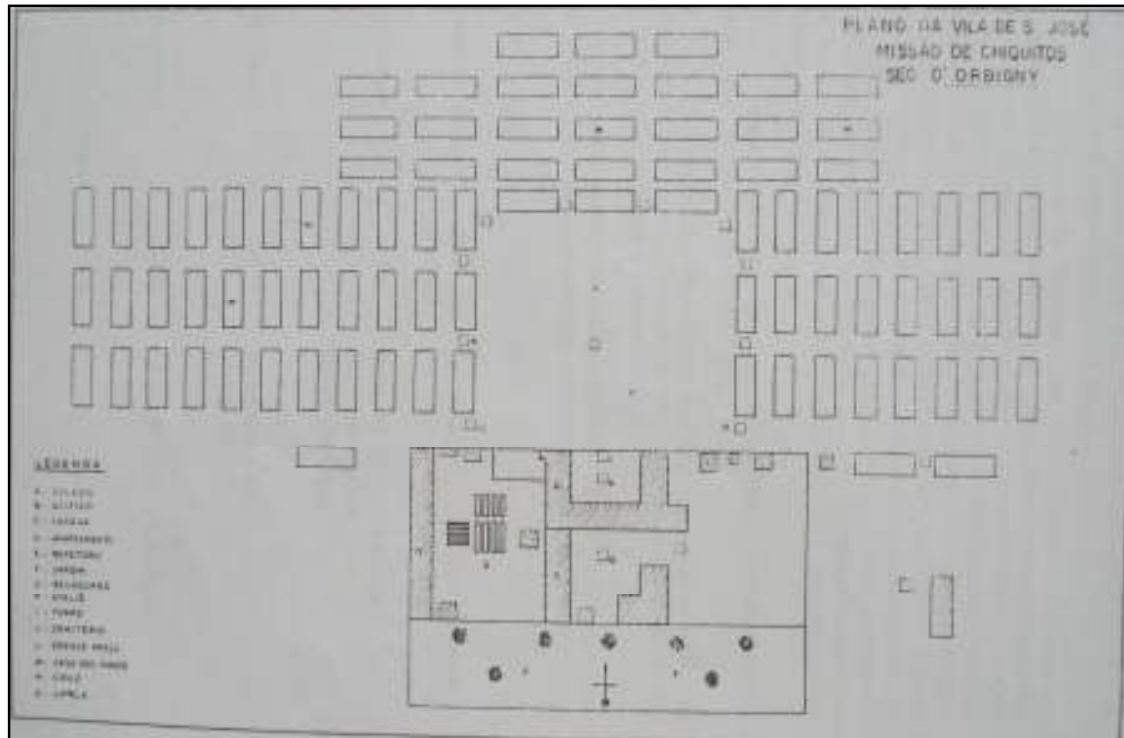
Os excedentes agrícolas, os *hatos ganaderos* e a produção artesanal, ingressavam em um depósito comum que defenderia dos tempos adversos ou seriam vendidos na economia civil. O depósito estava presente nas reduções Guarani (ver estudos Kern, 2006; e Barcelos, 2000), mas não há evidências em chiquitos, por não haver referências documentais e nem materiais (ver Querejazu, 1995).

Os edifícios centrais das reduções de mojos eram de um formato e detalhe notável, apesar das limitações que impunham à disponibilidade local de materiais de construção. Eles foram construídos em madeira e adobe, contavam átrio e galerias, como as de chiquitos (Kühne 1996), já que nestas regiões onde tanto à luz solar como as precipitações são intensas e carecem de matéria-prima para edificação das construções, obrigando os arquitetos jesuítas a adaptarem suas técnicas.

Para isto, quadrilhas de índios abatiam gigantes troncos em bosque subandinos do Alto Marmoré, transportando-os águas abaixo até o lugar das reduções, muito diferente das reduções guaranis que contavam com matéria-prima para construção de suas edificações, sobretudo a Igreja (Barcelos, 2000).

Uma outra evidencia importante para Chiquitos, é de que o eixo da praça e do *pueblo* coincidem com o eixo do pátio do colégio, uma marca que segundo (Roth, 1995a) diferencia do urbanismo dos *pueblos* jesuíticos do Paraguai, onde o eixo da igreja é que

coincide com o eixo da praça. Apesar de não estar evidente neste plano de San José de Chiquitos, entretanto pode nos oferecer uma idéia de como era essa planificação urbana.

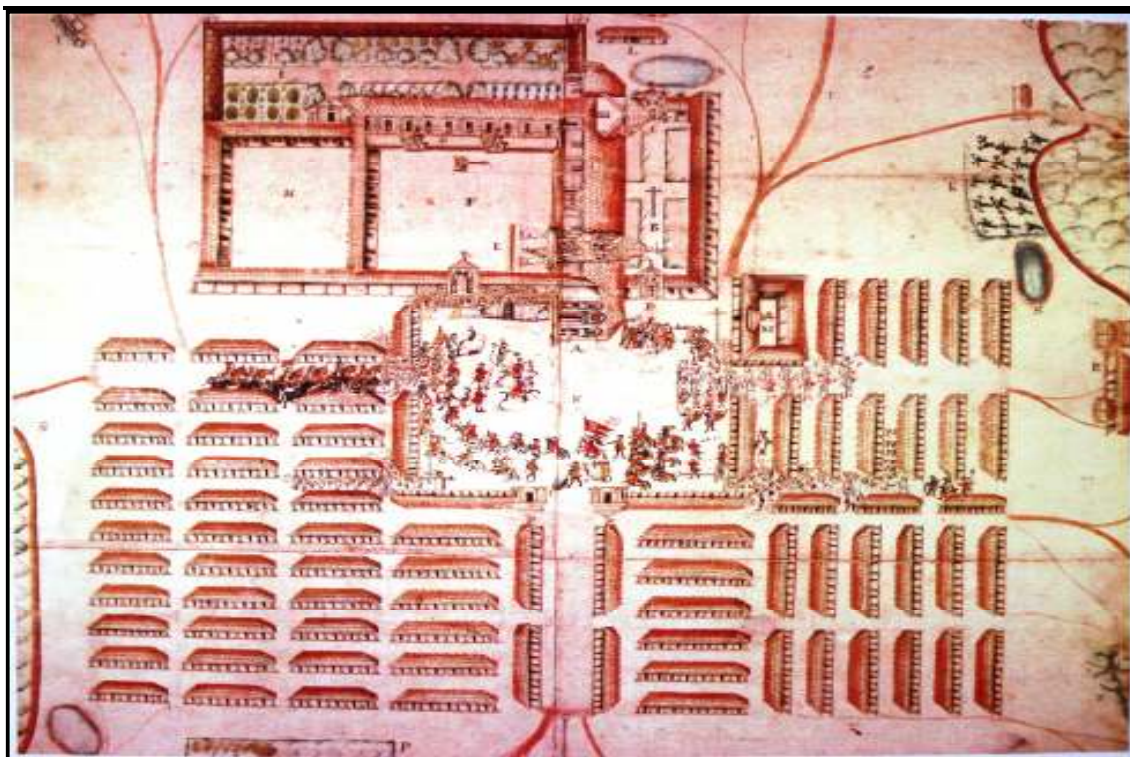


Plano da Vila de S. José Missão de Chiquitos segundo D'Orbigny. Fonte: Meireles, 1989

Na praça central das reduções de chiquitos existem quatro pequenas capelas, uma em cada ângulo. E no centro da praça temos uma cruz rodeada de palmeiras. O acesso do *pueblo* se dá pela *Betania*, uma pequena capela isolada, localizada no acesso do *pueblo*.

Já nas reduções guarani (Kühne, 1996), a igreja encontra-se sobre o eixo maior do *pueblo*. A entrada oposta a ela está acentuada por duas capelas. Não existe uma grande cruz no centro da praça. E no lugar das quatro capelas nas esquinas da praça (como em chiquitos), há quatro cruzeiras orientadas na direção que tomam às procissões. Uma outra cruz está situada ao final do eixo maior, no lugar da capela *Betania* em Chiquitos, como se observa no *plano del pueblo de San Juan Bautista*.

Outra construção que destoa entre os grupos guarani e chiquitos é a existência do *cotiguaçú* ou casa das viúvas. Isto se deve, segundo Caleffi (1989-90), à alta porcentagem de viuvez feminina existente entre guaranis do que entre os Chiquitanos.



Plano del Pueblo de San Juan Bautista, del río Uruguay. Fonte: Peramàs, 2004.

Em mojos havia uma capela em cada esquina. E às quatro ruas que desembocam na praça, determinam os eixos principais de um circuito. Dividindo a população em quarteirões de vivendas claramente delimitadas. A torre de adobe estava localizada na esquina da praça ao lado da Igreja, no lugar da capela mortuária em Chiquitos.

O edifício principal da paróquia tinha em mojos, em geral, dois pisos e se encontrava diretamente sobre a praça e não no pátio interior como em Chiquitos (Kühne, 1996). Roth diz que estas edificações em San Rafael de Chiquitos, a memória coletiva do lugar, as reconhecem como “casa de hóspedes” e reintera que em mojos essas casas são freqüentes. Block (1997) lamenta que a desaparecimento dessas construções¹ impeça uma análise mais profunda, mas que ainda podemos observar estas edificações de Mojos nas aquarelas do século XIX que tem como tema as reduções *Concepción*, *San Ramón* e *Magdalena*.

¹ Estas informações podem ser observadas no diário de viagem do Governador de Santa Cruz de la Sierra, Don Alonso Verdugo. Trata-se de sua vista às missões do Marmoré e do *Itenes*, dando detalhes de como era a conformação urbana dos povoados e faz menção a edifícios de dois andares para Mojos. Como demonstra o trecho a seguir (...) *La casa de los Padre es de vivienda baja y alta, corriendo ésta por um solo ángulo de la casa y dilatándose aquélla por dos.* (Pastells, 1946:740)

É possível apesar da dispersão das fontes, perceber, ainda que de forma incipiente, como estas populações indígenas estavam dispostas em seus territórios. E como a ação missionária adaptou as famosas “Leyes de Índias” a novas realidades, contando é claro, com a colaboração dos indígenas neste processo. Neste sentido, o povoado se materializaria não apenas como uma síntese cultural de influências européias e indígenas, mas igualmente medieval, moderna e indígena como salienta Kern (2006). Com esta breve síntese do contexto das populações Guarani, Chiquitos e Mojos e suas experiências urbanas em seus respectivos *pueblos*, foi o que nos possibilitou visualizar algumas semelhanças e ou diferenças em seus traçados urbanos missioneiros bem como, os esforços de ambos em adaptar as novas paisagens e novos costumes.

Referências Bibliográficas

BARCELOS, Artur H. F. *Espaço e Arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. 408p. (Coleção Arqueologia 7).

BLOCK, David. *La cultura reducional de los Llanos de Mojos Sucre*. Historia Boliviana 1997.

BUSCHIAZZO, Mario J. *La Arquitectura de Las Misiones De Mojos Y Chiquitos*. Universidad Nacional de Buenos Aires. .Fonte: <http://www.fadu.uba.ar/sitios/iaa/>. Acessado em julho de 2007.

CALANDRA, Horacio Adolfo & SALCEDA, Susana Alicia. *Amazonia boliviana: arqueología de los Llanos de Mojos*. Acta Amazonica. Vol. 34(2) 2004:155-163

CALEFFI, Paula. El trazado de las reducciones y la practica ritual. In: *La Provincia Jesuítica del Paraguay: Guaranies y Chiquitos. Un Analisis Comparativo*. Universidade Complutense. Facultad de Geografía e Historia. 1989-90.

EDER, Francisco Javier. SJ. Breve Descripción de las Reducciones de Mojos. Traducción y edición de Jopep M. Barnadas. Cochabamba. Historia Boliviana. 1985.

ERICKSON, Clark L. *Lomas de Ocupación em los Llanos de Moxos*. Duran Coirido, Alicia y Roberto Bracco Bobrar, editores 2000. Arqueologia de las Tierras Bajas. Comision Nacional de Arqueologia, Montevideo, Uruguay, pp. 207 –226. Trabalho apresentado no Simpósio “La Arqueologia de las Tierras Bajas” Montevideo, Uruguay (22-25 de abril de 1996).

_____. Sistemas agricolas prehispanicos em los Llanos de Mojos. America Indígena, Vol. XL (nº 4): 73 1-755. Octubre –Diciembre, 1980.

FUNARI. Pedro Paulo A. *La Arqueología de las ciudades españolas y portuguesas en Sudamérica: una aproximación comparativa*. NAYA (Noticias de Antropología y Arqueología). Tema Arqueología. Fonte: <http://www.naya.com.ar/articulos/arqueologia.htm>. Acessado em janeiro de 2008.

KERN, Arno Alvarez. *Antecedentes Indígenas*. Porto Alegre. Ed. Da Universidade/UFRGS, 1994. (Síntese Rio-Grandense; 16-17).

_____ & HILBERT, Klaus (orgs.). *“Arqueologia do Brasil Meridional”*.
Coleção: Arqueologia Virtual 1. PUCRS-FFCH Pós-Graduação em História, 2002.

_____. *Fronteiras e Missões coloniais: continuidades e oposições culturais*.
Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, vol. 4 n.1, Cuiabá-MT, jan-jun/2003.

_____. Urbanismo Missioneiro. In: *Missões Ibéricas Coloniais: da Califórnia ao Prata*. Arno Alvarez Kern e Robert Jackson. Porto Alegre: Pailer, 2006.

KÜHNE, Eckart. *Las misiones jesuíticas de bolivia: Martin Schmid : 1694-1772 : misionero, músico y arquitecto entre los chiquitanos*. Santa Cruz de La Sierra: Sirena, 1996. 198 p.

MEIRELES, Denise Mald. *Guardiães da Fronteira, Rio Guaporé, século XVIII*. Editora Vozes, Petrópolis, 1989.

MORENO, Alcides Parejas. Etnografia Chiquitana. Primera Parte. Capítulo Segundo. Libro Segundo. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A. Laz Paz. Bolivia. 1995 a.

_____. Organización Misionera. Primera Parte. Capítulo Segundo. Libro Segundo. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A. Laz Paz. Bolivia. 1995 b.

PERAMÁS, Josep Manuel, S.J. *Plan del pueblo de San Juan Bautista, del río Uruguay*. Dibujo conservado en el Archivo General de Simancas. Platón y los Guaraníes. Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, Asunción. 2004.

ROCA, José Luis. *Economía y Sociedad en el Oriente Boliviano. (Siglos XVI e XX)*. Cotas Ltda. 2001.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia Amazônica. In: Manuela Carneiro da Cunha (org.). *História dos Índios no Brasil*. Cia. das Letras/SMC/FAPESP. 2002.

ROTH, Hans. El Plano Ideal de Urbanismo Misional de Chiquitos. Segunda Parte. Capítulo Tercero. Libro Tercero. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A. Laz Paz. Bolivia. 1995 a.

_____. La Habitación Indígena en Chiquitos. Segunda Parte. Capítulo Sexto. Libro Tercero. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A. Laz Paz. Bolivia. 1995 b.

SALAS, Virgilio Suárez. El modelo urbano de la Misiones de Chiquitos. Primera Parte. Capítulo Segundo. Libro Tercero. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A. Laz Paz. Bolivia. 1995 a.

_____. Antecedentes y Condicionantes del Urbanismo Misionero. Primera Parte. Capítulo Primero. Libro Tercero. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A. Laz Paz. Bolivia. 1995 b.

_____. Los Componentes Urbanos. Primera Parte. Capítulo Tercero. Libro Tercero. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A. Laz Paz. Bolivia. 1995 c.

PASTELLS, P. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay* (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil) Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. Madrid : Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Santo Toribio de Mogrovejo, 1946. Tomo VIII (1760-1768). Segunda Parte.

Recebido em: 15/10/07.

Aprovado em: 06/06/08.